



EXPOSIÇÃO

um desejo inconcebível de abrir todas as portas

Casa da Cultura de Santa Cruz – Quinta do Revredo
17 de setembro a 27 de novembro de 2021
Curadoria e texto: Bruno Ministro

DOI: 10.34640/universidademadeira2022ministro1

São marcas de *multiplicidade* na obra de António Aragão a profusão de géneros literários e artísticos praticados pelo autor – da pintura à poesia, passando pela escultura, ficção e teatro. São-no também a diversidade de formas por ele cultivadas – e expandidas – nos campos de cruzamento entre cada um desses mesmos géneros – o que se manifesta em trabalhos de poesia experimental e visual, pintura figurativa e não figurativa, eletrografia, livro de artista, performance, entre outros.

De modo interligado, poderemos ainda considerar que também a *experiência* é central no vocabulário de António Aragão e que, por isso, a experimentação é algo que trespassa a sua obra múltipla. Isto se se pode realmente falar de um vocabulário para uma obra que não obedece a “grammáticas”, para recorrer, de modo livre, a uma expressão do próprio autor.

Tendo em conta o que atrás ficou dito, julgamos poder sublinhar o modo como a multiplicidade da experiência na obra de Aragão é simultaneamente o princípio, o processo e o resultado do seu “desejo inconcebível de abrir todas as portas”.

A exposição *um desejo inconcebível de abrir todas as portas* nasceu de um semelhante desejo de abrir portas ao conhecimento sobre António Aragão através de uma mostra ampla da sua obra. Começou, por isso, por apropriar aquelas palavras do autor para o seu título e programa de curadoria. Assim, a exposição centrou-se na produção literária de Aragão com o objetivo de oferecer aos seus leitores-visitantes — quais “antenas receptivas” — um contacto situado com a obra de um dos autores mais relevantes do experimentalismo literário português e internacional. Espera-se, também, que tenha sido possível, a partir dela, o exercício da imaginação do “inconcebível” que sempre fica oculto na impossibilidade probabilística de tudo dar a ver.

Ter estado a exposição dedicada à prática literária de António Aragão em nada implicou uma artificial proposta de delimitação ou cisão absoluta entre as artes, os géneros e os gestos criativos do poeta e artista. Justamente

por esse motivo, o plano de exposição começou por apresentar um quadro da última série por si produzida em vida e culminou com um conjunto de obras plásticas do período inicial do seu trajeto criativo, momento esse em que Aragão ainda estava centrado na pintura e menos na escrita. Pelo meio, considerando a escrita como uma escrita expandida, as várias salas da exposição compuseram-se e decomposeram-se (construir é, em António Aragão, desconstruir) por livros, revistas, opúsculos, folhetos, livros-objeto, entre outros. Entendeu-se então, com esta opção curatorial, que o diálogo e a via relacional entre as próprias obras seria porventura um dos modos mais produtivos para as dar a ver de novo, de uma forma ela mesma experimental — e múltipla. Também aqui se procurou sintonizar, portanto, a “antena receptiva” mais além do olhar imediato ou da linearidade de uma cronologia historicista.

A partir do núcleo destinado a receber o visitante-leitor e que, assim, cumpriu o propósito de apresentar e situar o trabalho do autor na sua produção literária mais vasta, abriram-se três outros núcleos expositivos. De uma forma que, ao jeito produtivamente contraditório do próprio autor, quis ter tanto de coerente como de incoerente, estes núcleos, embora separados, interligaram-se e comunicaram entre si. Fizeram-no, por um lado, através das citações trazidas emprestadas dos ensaios assinados pelo próprio que, ali, deram nome aos vários núcleos. Tal expressou-se de igual forma, por outro lado, nos pares de palavras que, na exposição, se propuseram enquanto chave para uma aproximação às múltiplas facetas da sua obra em movimento.

Este texto é uma versão ligeiramente modificada daquele incluído no *flyer* da exposição. As fotografias aqui reproduzidas são da autoria de Georgina Abreu, a quem agradeço os excelentes registos, e são publicadas com a cortesia da CCSC. Gostaria de aproveitar esta oportunidade para agradecer ao Fernando Aguiar, António Dantas, César Figueiredo, MUDAS e CCSC pelos empréstimos de obras de António Aragão. Esta exposição seria impossível – ou muito menos completa e (in)oportuna – sem a generosidade destes amigos de Aragão. Aproveito ainda para deixar uma palavra de agradecimento à Tomásia Castro, Joana Raimundo e Lucília Teixeira pela colaboração no design do espaço expositivo e nas montagens. Foi graças a esses momentos de diálogo que a exposição alcançou a sua forma final. Não posso deixar de agradecer também o contínuo apoio do Emanuel Gaspar, coordenador da CCSC. Ao Rui Torres agradeço as sinergias e colaboração no âmbito do *Multiplicidade da Experiência*, contexto de celebração e reflexão com o qual a exposição beneficiou nas suas linhas-mestre e que permitiu que este projeto expositivo abrisse portas para um mais amplo (re)conhecimento da obra de António Aragão.



EXPOSIÇÃO - *Um desejo inconcebível de abrir todas as portas*





OLHARES CRUZADOS | CROSS VIEWS

